

## A DIMENSÃO CULTURAL E ECONÔMICA DOS ARTESANATOS DE COURO NA CIDADE DE PALMÁCIA-CE

*The cultural and economic dimension of the leather's handcrafts in the city of Palmacia-Ce*

Cordeiro, Hilda Lara Sousa; Graduanda; Universidade Federal do Ceará, hildalasc@gmail.com<sup>1</sup>

Valentim, Maria Caroline Franco; Graduanda; Universidade Federal do Ceará, valentim.caroline@hotmail.com<sup>2</sup>

Mendes, Francisca Raimunda Nogueira; Doutora; Universidade Federal do Ceará, franciscamendes@ufc.br<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo investiga a dimensão cultural e econômica dos artesanatos de couro em Palmácia, Ceará. A pesquisa busca compreender como o couro é um pilar para a economia e tradição cearense, destacando a relação dessa matéria prima com a cidade de Palmácia. A metodologia aplicada é de cunho qualitativo e utiliza do método da entrevista para ser fundamentada, o entrevistado é um artesão palmaciano que fala sobre sua vivência trabalhando com couro em sua cidade.

**Palavras chave:** Couro; Artesanato; Palmácia.

**Abstract:** This study investigates the cultural and economic dimension of the leather's handcrafts in Palmacia, Ceara. This research seeks to comprehend how the leather is a base for the Ceara's economy and tradition, highlighting the relation between this material and the city of Palmacia. The methodology used is from a qualitative nature and to be substantiated uses the interview method, the interviewed person is an artisan from Palmacia that talks about his experience working with leather in his city.

**Keywords:** Leather; Handcraft; Palmacia.

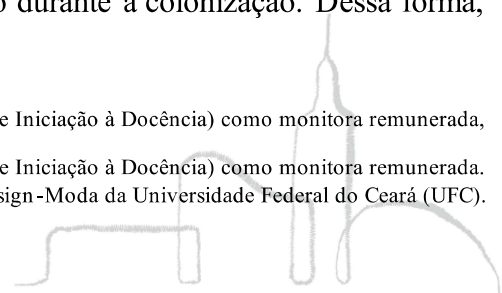
### Introdução

O presente artigo tem como objetivo explorar o papel do couro como matéria prima no Ceará, em especial a dimensão cultural e econômica dos artesanatos de couro em Palmácia, cidade localizada no Maciço de Baturité, região serrana no norte do Ceará. Para compreender essa temática, é essencial o entendimento sobre a inserção da pecuária no Ceará, que se tornou um centro de processamento de couro durante a colonização. Dessa forma,

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará. Já participou do PID (Programa de Iniciação à Docência) como monitora remunerada, participante do NeoMarsha, Projeto de Extensão Universitária na área da Comunicação Social.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará. Já participou do PID (Programa de Iniciação à Docência) como monitora remunerada.

<sup>3</sup> Historiadora, Mestre e Doutora em Sociologia. Professora da área de História e Pesquisa do Curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC).



as peças de couro surgem da integração de dois grandes pilares da economia cearense e palmaciana: o gado e o artesanato.

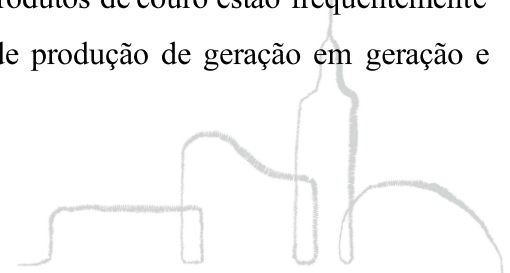
O método de revisão bibliográfica é utilizado para esclarecer essas questões, recorrendo a teoria de autores como Couto Filho (2000), Porto Alegre (1994), Zuim (2014) entre outros. A metodologia aplicada nessa pesquisa é de cunho qualitativo, fundamentada na entrevista de um artesão que passou anos trabalhando com couro em Palmácia. O artesão e marceneiro Edimilson Cordeiro de Abreu, 83 anos, que exerceu seu ofício por anos em Palmácia, é entrevistado a fim de contextualizar a relação da cidade com o artesanato em couro, explicando o papel dessa atividade em sua vida e na vida dos demais palmacianos. Com isso, entende-se que esse o artesanato em couro não só sustenta uma parte da economia local, mas também preserva e transmite tradições culturais, moldando a identidade social e econômica dessa comunidade.

### **A tradição do couro no Nordeste**

O couro é reconhecido por sua versatilidade, durabilidade e história, características que o tornam um material diferenciado na concepção de produtos (ZUIM, 2014). A prática milenar do curtimento de couro acompanha a humanidade desde os primórdios da pré-história, sendo as peles de animais utilizadas não apenas para proteção contra condições climáticas adversas, mas também como meio de distinção social nas primeiras civilizações (LAVÉR, 2001). O processo de curtimento descrito pelo autor envolvia técnicas primitivas como mastigação e salivação, que tornavam as peles maleáveis e adequadas para diferentes usos.

Com a colonização do Brasil, os rebanhos de gado se expandiram rapidamente, inicialmente ocupando as áreas litorâneas do país (ZUIM, 2014). Esse crescimento foi acompanhado por uma estratégia econômica onde o gado era deslocado para regiões mais afastadas, liberando espaço para as lavouras de cana-de-açúcar, o que teve um impacto significativo na economia nordestina (COUTO FILHO, 2000). Hall (2000) discute que a economia de subsistência no sertão nordestino, centrada na pecuária extensiva, estimulou o desenvolvimento de técnicas tradicionais de trabalho, como o processamento do couro, adaptando-se às condições adversas e áridas do semiárido nordestino. Silva (2015) enfatiza que o couro não só é resistente e durável, mas também se adapta às severas condições climáticas do sertão, tornando-se um símbolo de identidade cultural e resistência frente às dificuldades socioeconômicas locais.

Além de sua relevância econômica e utilitária, o couro desempenha um papel significativo na construção da identidade cultural e social no sertão nordestino (SANTOS, 2018). Os produtos de couro estão frequentemente associados a tradições familiares e comunitárias, transmitindo técnicas de produção de geração em geração e fortalecendo laços de pertencimento e orgulho cultural.



No sertão, famílias trabalham em diversos segmentos como madeira, palha, barro, gesso e rendas, mantendo viva a tradição artesanal ao transmitir seus ofícios de geração em geração (ZUIM, 2014). Cada família desenvolve uma realidade artesanal única, com suas próprias peculiaridades e técnicas específicas. Porto Alegre (1994) destaca que, mesmo quando os artesãos exploram novos caminhos e recebem influências diversas, o peso da formação inicial na família permanece ao longo da vida, evidenciando a importância da tradição familiar na formação dos artesãos sertanejos.

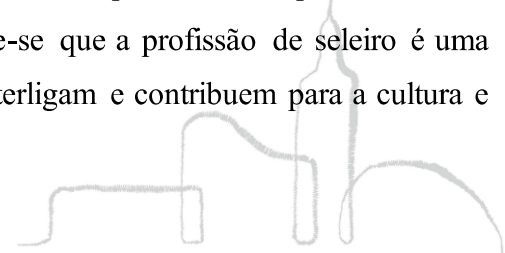
A definição de Porto Alegre (1994) não sugere que o artesanato deva ser engessado em uma categoria homogênea, mas sim que, ao longo das gerações, está sujeito a influências variadas e a um constante processo de renovação no modo de produção. Isso permite a adaptação do artesanato às demandas contemporâneas e contribui para a preservação dinâmica da identidade cultural das comunidades sertanejas.

### **A cultura do couro no Ceará**

Durante o período colonial, o Ceará desempenhava um papel crucial como entreposto entre as capitâneas produtoras de açúcar e as regiões nordestinas menos propícias ao cultivo de cana-de-açúcar, sendo também uma rota essencial para o gado em direção a outras áreas do Nordeste, onde a pecuária se tornou predominante (COUTO FILHO, 2000). Um dos lugares que não possuía terra propícia para a plantação de cana era o sertão cearense, que virou foco de criação pecuária. Com a distribuição de sesmarias e a implementação da criação de gado, surgiram os grandes currais nas ribeiras dos rios no Ceará. Nesse contexto de implementação do gado no sertão surge o vaqueiro, cuidador dos animais, que utilizava do couro para a produção dos seus instrumentos e roupas de trabalho (NUNES, XIMENES, 2018).

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o do guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até às virilhas, articuladas em joelheiras de sola, e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de veado – é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo. Esta armadura, porém, de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo sol. É fosca e poenta (CUNHA, 1984, p. 118-119).

O trecho acima é do clássico ‘Os Sertões’, de Euclides da Cunha, onde ele descreve as vestes de um vaqueiro, pontuando que sua roupa de couro é como uma armadura feita para desbravar a caatinga. Sua indumentária é bem característica, feita de forma que possa ser útil no seu dia a dia e possa lhe proteger das adversidades sertanejas. Esses trajes são confeccionados pelos seleiros, que além de produzir selas para os cavalos do vaqueiro, também produzem diversas peças de couro. Assim, entende-se que a profissão de seleiro é uma extensão e um complemento do trabalho do vaqueiro, de forma que se interligam e contribuem para a cultura e economia cearense.



Segundo Nunes e Ximenes (2018), durante sua trajetória secular, a profissão de seleiro encontrou no mercado capitalista uma demanda pela produção de indumentárias e objetos de couro, garantindo uma fonte de renda e trabalho que também contribui para a fomentação da economia cearense. Os autores destacam o trabalho de Espedito Seleiro, artesão e Mestre da Cultura Cearense, natural de Nova Olinda, cidade no sul do Ceará, que inovou a forma de trabalho com couro e ressignificou a funcionalidade de diversos produtos fabricados com esse material, unindo moda, arte e artesanato a atividade da selaria.

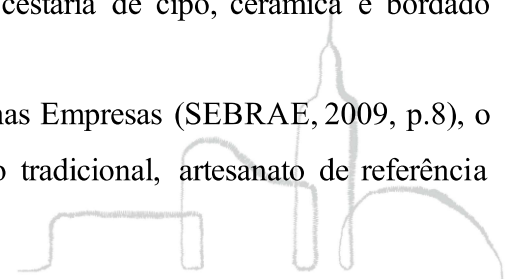
Laraia (1932) afirma que a cultura é produto das interações sociais, moldando o ser humano de acordo com o ambiente cultural em que ele cresce. A pessoa é influenciada por uma longa tradição acumulada ao longo do tempo, refletindo o conhecimento e as experiências passadas de geração em geração. De acordo com Pordeus Júnior (2003), a identidade cultural do Ceará é formada por diversos elementos que podem ser descritos como cearensidade. Essa cearensidade inclui vários ícones emblemáticos que validam a existência de uma identidade, conferindo aos indivíduos um sentimento de pertencimento que os integra à cultura cearense, como o vaqueiro e o seleiro. A cultura local e as realidades linguísticas desses sujeitos são como um sinal de resistência da cultura cearense, que tentam sobreviver diante do contexto hegemônico da vida contemporânea, que introduz de maneira incisiva as atualidades, e faz com que as tradições desses grupos que formaram a sociedade cearense moderna caiam em desuso (NUNES, XIMENES, 2018).

### **O artesanato em Palmácia**

Zuim (2014) utiliza de dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para informar que 22% da população brasileira trabalha informalmente, a autora afirma que a concentração dos trabalhos gira em torno de serviços de reparo, na diversão domiciliar, na construção civil e na indústria de confecção e artesanato. Por ser um trabalho que dispensa maquinários e pode ser configurado para vários fins, muitos trabalhadores recorrem ao artesanato como fonte de renda, além de ser um ofício em que o fabricante têm total domínio de todas as etapas dos processos de produção dos produtos.

Palmácia é um misto de sertão e serra, situada no Maciço de Baturité, no interior do estado do Ceará, ela tem a maior parte de sua população residindo em áreas rurais. A agricultura é a principal fonte de renda na região, todavia, a criação de gado e o artesanato também são trabalhos que se destacam no município. Os artesanatos predominantes são a produção de itens em couro, devido à atividade pecuária, e em madeira, especialmente para a fabricação de artigos religiosos. Outras técnicas tradicionais incluem cestaria de cipó, cerâmica e bordado (JOCA, 2003).

De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2009, p.8), o artesanato é classificado em 4 categorias: artesanato indígena, artesanato tradicional, artesanato de referência



cultural e artesanato conceitual. Segundo Edimilson<sup>4</sup> (informação verbal, 2024), o tipo de artesanato predominante em Palmácia é o tradicional, que tem origem familiar, sendo transmitido de geração em geração, onde seu principal valor sucede da preservação de uma história, de um passado. Bolognini (1988) afirma que esse tipo de atividade artesanal, que acontece de forma espontânea, onde o conhecimento de materiais e técnicas é transmitido por herança e pela história oral, pode ser classificado como folclórico.

### **A relação dos artesãos palmacianos com o couro**

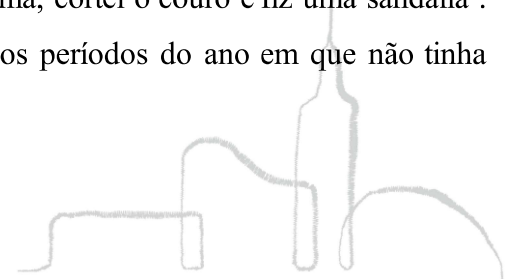
Por ser uma cidade com intensa atividade pecuária, o tipo de artesanato mais comum em Palmácia são as peças em couro, segundo Zuim (2014, p. 64) ‘o couro faz parte da tradição cultural e do cotidiano de milhares de nordestinos, sendo matéria-prima para o desenvolvimento de artefatos artesanais diversos, como a produção de chapéus, calçados, bolsas, móveis, esculturas, dentre outros, cujas técnicas são passadas de pai para filho’. Dessa forma, é possível afirmar que a cultura do couro faz parte da cidade de Palmácia, sendo um pilar da identidade coletiva de seus moradores, uma tradição geracional.

Segundo Cunha e Vieira (2009), o artesanato é essencialmente a arte de moldar matéria-prima em objetos funcionais, utilizando técnicas práticas e aprendizado informal, muitas vezes baseado em observação e imitação. Em áreas com escassas oportunidades econômicas e limitadas fontes de renda, o artesanato se apresenta como uma alternativa viável de trabalho. Dessa forma, entende-se que, por Palmácia ser uma cidade predominantemente rural e com intensa atividade pecuária, o artesanato com couro surge como uma possibilidade de ocupação para diversos trabalhadores, além de ser um ofício que ajuda na preservação cultural e fomenta atividade turística, de forma a estimular a economia local. Todavia mesmo com a grande produção de couro na cidade, por causa da pecuária, Edimilson (informação verbal, 2024) afirma que muitos artesãos, inclusive ele, compram o couro em Fortaleza, pois a produção de Palmácia é vendida majoritariamente para outras cidades.

O artesanato é visto como uma forma de produção em que os trabalhadores desenvolvem uma forma de relação com o objeto de seu trabalho individualizado. E que a construção do produto depende de sua capacidade e de seus conhecimentos para ser criado. O trabalhador das formas de produção artesanal necessita de um aprendizado que não é obtido na escola, mas na relação com o próprio trabalho (RIBEIRO et al, 1983, p.50).

A partir disso, entende-se que por não ser um trabalho que precise de conhecimento formal, a produção artesanal é a mais viável para diversos trabalhadores, Edimilson (informação verbal, 2024) afirma que aprendeu a desenvolver peças de couro sozinho: ‘peguei um sapato meu, fiz uma forma, cortei o couro e fiz uma sandália’. Ele fala que comprou uma oficina com seu sogro para poder trabalhar nos períodos do ano em que não tinha

<sup>4</sup> Edimilson Cordeiro de Abreu, 84 anos, artesão e marceneiro que exerceu seu ofício por anos em Palmácia e atualmente está aposentado.



trabalho na roça, assim seu ofício com couro era uma renda para complementar os meses que ficava parado. Seu processo para produzir calçados consistia em cortar o molde, riscar, cortar, fazer os acabamentos e costurar o couro, por último ele colocava o solado e adicionava miçangas e salto na peça, se fosse feminina, dessa forma, a maioria do trabalho era feito à mão, utilizando somente a máquina de costura para unir a peça. Era uma produção feita por encomenda, então ele produzia e vendia sem sair do ateliê, seus clientes iam até lá encomendar e buscar, pois a maioria morava por perto.

Com isso, o entrevistado conseguiu um novo ofício e passou a vender sandálias e bolsas de couro na sua cidade. Ele relata que não possui o fundamental completo e que a maioria dos seus trabalhos em Palmácia foram informais, com habilidades que ele aprendeu sozinho ou através de alguém mais velho, como confecção das peças de couro, costura e marcenaria. Ao ser perguntado sobre suas peças, ele fala que todas se perderam com o tempo e ele não trouxe nenhum dos seus materiais quando se mudou de Palmácia para Fortaleza, e por conta de sua condição, não tinha acesso a câmera fotográfica para registrar seu trabalho.

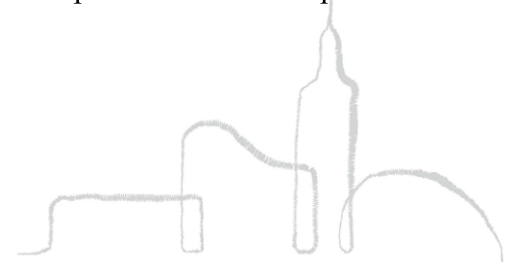
Edimilson (informação verbal) afirma que a maioria da produção palmaciana em couro são de acessórios, como bolsas, sandálias, pulseiras e chapéus, e que existem muitos artesãos independentes, além das fábricas e ateliês. Zuim (2014) afirma que o artesanato, quando relacionado ao estilo de vida das pessoas e da história, cumpre um papel importante na preservação do patrimônio cultural e riqueza da arte tradicional, com isso, compreende-se que esses acessórios de couro carregam uma parte da cidade e do artesão, sendo responsáveis pela propagação cultural dessa tradição.

### **Considerações Finais**

Este estudo demonstra que o artesanato em couro em Palmácia é uma prática enraizada na cultura e na economia local, refletindo a integração histórica da pecuária e do artesanato na região. O couro, como matéria-prima, transcende seu valor econômico e assume um papel vital na construção da identidade cultural dos nordestinos, especialmente dos cearenses. A tradição do couro carrega técnicas e saberes geracionais, além de ser uma fonte de renda e sustento para muitos trabalhadores. O depoimento do entrevistado, Edimilson Cordeiro de Abreu, ilustra como o artesanato em couro pode ser uma alternativa econômica viável e uma maneira de manter vivas as tradições culturais.

Em suma, a produção artesanal de objetos de couro em Palmácia mostra a resiliência cultural e a adaptabilidade econômica da cidade, destacando a importância do couro como prática tradicional para diversos artesãos.

### **Referências**



ABREU, Edimilson Cordeiro de. Entrevista I. [abr. 2024]. Entrevistador: Hilda Lara Sousa Cordeiro. Fortaleza, 2024. 3 arquivos .mp3 (10 min.).

BOLOGNINI, Dalva. **Cultura popular:** em busca de nossas raízes. São Paulo: Design e Interiores, 1988.

COUTO FILHO, Cândido. **Ceará:** a civilização do couro. Fortaleza: Edição do autor, 2000.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões.** 12ª edição, São Paulo: Três, 1984.

CUNHA, Tânia Batista da. VIEIRA, Sarita Brazão. **Entre o bordado e a renda:** condições de trabalho e saúde das labirinteiras de Juarez Távora/Paraíba. *Psicol. cienc. prof.* v.29 n.2 Brasília jun. 2009.

HALL, M. **História do Pensamento Arqueológico.** Jorge Zahar Editor, 2000.

JOCA, Eliseu. **Cartilha do Município de Palmácia.** Palmácia: Governo Municipal Palmácia, 2003.

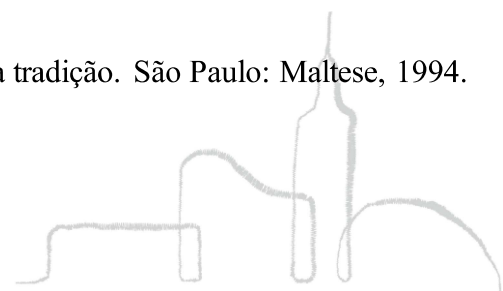
LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zaar, 2001.

NUNES, T. R. XIMENES, E. E. **A CULTURA DO COURO NO CEARÁ: UM ESTUDO DO CAMPO LEXICAL DO SELEIRO.** *Revista De Estudos De Cultura*, (11), 111–122, 2018. <https://doi.org/10.32748/revec.v4i2.11194>

OLIVEIRA, Carlos Flaviano de. NETO, Alípio Ramos Veiga. **A Negociação do Artesanato Nordestino nos Mercados Internacionais.** v. 15 n. 3, Set-Dez, 2008.

PORDEUS JÚNIOR, Ismael de Andrade. **Cearensidade.** In: CARVALHO, Gilmar de (Org.). *Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense.* Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

PORTO ALEGRE, Silvia. **Mãos de Mestre:** Itinerários da arte e da tradição. São Paulo: Maltese, 1994.



RIBEIRO, BERTA G., et al. **O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

SANTOS, J. P. (2018). **Identidade e Resistência: Cultura Popular no Nordeste Brasileiro.** Editora Unesp, 2018.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Estudo setorial artesanato.** Fortaleza: SEBRAE, 2009. Disponível em: <[http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/E1B356515E8B5D6D83257625006D7DA9/\\$File/NT00041F56.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/E1B356515E8B5D6D83257625006D7DA9/$File/NT00041F56.pdf)>. Acesso em 18 mar. 2024.

SILVA, A. B. **Artesanato e Cultura no Sertão Nordestino.** Editora UFBA, 2015.

ZUIM, Valeska Alecsandra de Souza; FARIAS, Ana Cláudia Silva; VASCONCELOS, Ana Fabiola Pedrosa de; HELD, Maria Silvia Barros de; KANAMARU, Antônio Takao. **As transformações do couro no trabalho de Espedito Seleiro como alternativa de superação para as adversidades do sertão.** Revista LABOR, Fortaleza, v. 1, n. 11, p. 58-72, 2014.

